

SERRA-PILAR

22 janeiro 2017 | ano 42 | Tempo Comum, 3 | 1994

Apenas uns simples “apontamentos”, hipersintéticos...
só para despertar o apetite, nestes tempos tão volúveis.



desconstruir
para reconstruir

Apenas uns simples “apontamentos”, hipersintéticos... só para despertar o apetite, nestes tempos tão volúveis.

Sem complicarmos demasiado a existência. Limitando-nos, apenas, a observar-nos e a observar: nós mudamos em todos os sistemas biológicos e níveis de personalidade. Sem pressas mas, também, sem pausas. O/os outros também mudam. A evolução constitui o fundamento da vida. O que não evolui morre. Imitemos a sabedoria da Natureza. A História é o processo dessa marcha evolutiva. Inclusive a História da Salvação, pois apenas existe uma única História.

Portanto, se nada te incomoda, se achas que tudo corre lindamente; se não estás interessado em alterar coisa nenhuma, é melhor não leres isto e continuares na tua paz rotineira.

“Desconstruir”, segundo o dicionário da Academia, não é destruir, mas antes examinar, analisar, por vezes desmontar, questionar para procurar e encontrar novas fórmulas que, mesmo elas, não serão eternas. O mesmo dicionário define desconstruir como “desfazer analiticamente os elementos que constituem uma estrutura conceptual”.

Os dois campos que hoje iremos abordar – **religião e espiritualidade** – há milénios que convivem conosco. Deste modo, serão necessárias várias gerações para os “desconstruir”. E mais ainda para os “reconstruir”. Mas não há outra saída. Há que ponderar tudo e ter grande capacidade de matizar as questões.

Karl Jasper, na sua obra *“Origem e meta da história”* (1985, Madrid: Alianza Editorial), defendeu, pela primeira vez, a seguinte teoria: fixa como “tempo-eixo” ou tempo axial” da história universal os anos 500 a.C. (com dois séculos a mais ou a menos). É nesse período que se dá o corte cultural mais profundo da História. É então que se dá uma quebra no processo de maturação da Humanidade. É o período responsável pela origem do homem com o qual temos vivido até hoje. É, de facto, neste tempo-eixo que se concentram e coincidem numerosos factos extraordinários na China, Índia, Pérsia, Palestina e Grécia. Sem terem conhecimento uns dos outros.

Hoje em dia, esta teoria é aceite no mundo da cultura. O tempo-eixo anterior, deve ser localizado no Neolítico. O posterior, estamos a vivê-lo atualmente. Não estranhemos, pois, as radicais mudanças que se estão a dar.

Sim, sabemos muito bem que as religiões não gostam de mudanças. Não lhes convêm. E, contudo, as mudanças prosseguem, a evolução avança sempre, como um sistema de roda fixa.

Embora a religião tenha começado a ser posta em causa com o Iluminismo, essa contestação agudizou-se a partir da segunda metade do século XX. Isto porque a

Humanidade foi adquirindo maior maturidade, e a pessoa humana se foi sentindo cada vez mais autônoma. Mas as religiões são, por definição, heterônomas, ou seja, há outros, exteriores a mim, que decidem. Ora isto repugna à autonomia da pessoa moderna.

As grandes religiões e sua estrutura nasceram, para tornar coerentes e viáveis as sociedades agrárias que se iam estabelecendo no Neolítico. Os caçadores nômadas iniciavam, então, a sua fixação junto às terras que cultivavam. Ora, este tipo de sociedades agrárias está a chegar ao fim..., e por conseguinte, simultaneamente, também as grandes religiões vão acabando. Pena é que a grande sabedoria das tradições religiosas milenárias se dirija, com uma linguagem morta, a homens que já não existem hoje em dia.

A experiência religiosa ou espiritual consiste em, e revela uma capacidade de percepção e de relação com essa realidade indefinível a que damos o nome de “sagrado, de mistério, de absoluto...”. Podemos, mesmo, admitir que, à pessoa, lhe advém por natureza o religioso/espiritual.

E no entanto, é importante insistir na distinção entre religião e espiritualidade: tecnicamente falando, “religião” refere-se à dimensão institucional das religiões, aos seus dogmas, práticas, organizações... enquanto que “espiritualidade”, ou vida espiritual, ou experiência espiritual, se refere àquela vivência religiosa íntima que acompanha toda e qualquer pessoa, duma maneira ou doutra, e que pode acontecer tanto dentro como fora das religiões. (Este último ponto é confirmado pelo papa Francisco).

Etimologicamente, o termo “espiritualidade” não foi muito boa escolha; continua a usar-se por já se ter tornado uma palavra consagrada. Há que ter sempre em conta que espiritualidade é a dimensão profunda do ser humano, o que confere sentido à sua vida, a sua experiência mais profunda da realidade, a sua qualidade de profunda humanização. A espiritualidade é anterior às religiões. Atualmente, estamos a abandonar a religião e a “passar-nos” para a espiritualidade.

Hoje em dia, as religiões já não são compreensíveis, não se adaptam ao perfil do homem novo. Ao falarmos de religioso/espiritual estamos a utilizar uma linguagem simbólica, metafórica, poética. Os nossos antepassados interpretavam os símbolos religiosos literalmente, como descrições. Somos nós a primeira geração a viver esta mudança epistemológica cultural: a passagem do literal ao metafórico.

A mudança, a evolução e a vida continuam. Não podemos ficar à espera, passivamente, sem tomarmos consciência desta peculiar epistemologia religiosa; saber que o nosso discurso religioso não descreve a realidade, e enfrentarmos a necessidade da sua renovação.

da igreja-instituição ao jesuanismo (cristianismo)

“Há que ter calma”, costuma dizer-se, ou ainda: “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra”.

O nosso objetivo é “desconstruir” (no sentido que já antes explicamos) a instituição em que se transformou o cristianismo. Porque parece que Jesus de Nazaré nunca pensou fundar uma nova instituição religiosa, com as características próprias de qualquer religião. Terá pretendido, sim, a superação do judaísmo e de todas as religiões.

O seu movimento (o movimento de Jesus) constituiu uma espiritualidade. No século II, os pagãos consideravam os cristãos como ateus, por não terem religião. Mas muito em breve o evangelho viria a ser ultrapassado pela religião.

Diz-se, muitas vezes, que os quatro primeiros grandes concílios ecuménicos [Niceia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431), e Calcedónia (451)] substituíram, na igreja cristã, os quatro evangelhos. Hoje em dia, felizmente, e após muitos séculos, recuperamos os evangelhos, porém, o constructo ou esquema mental teológico-cristológico que, em certo sentido, os substituiu, continua a ocupar o centro do cristianismo, com um enclave que resiste ao seu estudo e reinterpretação ou reformulação.

Esta peça essencial e intocável do cristianismo continua a ranger, sob a pressão da nova presença do pluralismo religioso, da transformação das perspetivas religiosas, das novas cosmovisões do sentido religioso, do diálogo inter-religioso, etc.

Na mensagem e vida de Jesus de Nazaré, Deus é sempre o “Deus do Reino” e o Reino é sempre o “Reino de Deus”, de modo que teocentrismo e reino centrismo se implicam mutuamente. É a única realidade dual que Jesus pregou, viveu e pretendeu: anunciar-nos como é Deus-Pai-Mãe e o seu Projeto ou Plano do Reino. Nada mais que isto.

Comecemos, então, por desconstruir todo esse constructo de crenças, práticas, ritos... para partirmos de novo (diretamente) de Jesus de Nazaré, do Evangelho tão simples e nuclear, tão humano.

E prossigamos a sua reconstrução passo a passo, para que não fiquemos a meio caminho dos nossos objetivos. Com o mundo atual numa das mãos e Jesus na

outra. “Aprofundar o humano para ascendermos ao ‘divino’. Tudo o resto é magia”.

Naturalmente que se trata duma enorme mudança. Só de a pensar nos treme a mão. Do mal o menos, pois o papa Francisco - como quem não quer a coisa – começou pelo Evangelho, deixando o resto na penumbra. E já há uma minoria de clérigos, bastantes religiosos, comunidades laicas e teólogos de diversos continentes, que se mostram convencidos de que é este o caminho a seguir. Porém, “Roma e Pavia não se fizeram num dia”, diz o refrão. Que dizer desta aventura que, como peregrinos vivemos há mais de dezassete séculos?

José Antonio Revuelta. Religioso (Irmãos La Salle).

<https://eclesialia.wordpress.com/2016/02/29/deconstruir-para-reconstruir-ii/>

era estrangeiro e acolhestes-me



«**TRAGICAMENTE**, no mundo há hoje mais de 65 milhões de pessoas que foram obrigadas a abandonar os seus locais de residência. Este número sem precedentes vai além de toda a imaginação. (...)

Se formos além da mera estatística, descobriremos que os refugiados são mulheres e homens, rapazes e raparigas

que não são diferentes dos membros das nossas famílias e dos nossos amigos. Cada um deles tem um nome, um rosto e uma história, como o inalienável direito de viver em paz e de aspirar a um futuro melhor para os seus filhos. (...)

Encorajo-vos (...) a dar as boas-vindas aos refugiados nas vossas casas e comunidades, de maneira que a sua primeira experiência da Europa não seja a traumática de dormir ao frio nas estradas, mas a de um acolhimento quente e humano.

Recordai-vos que a autêntica hospitalidade é um profundo valor evangélico, que alimenta o amor e é a nossa maior segurança contra os odiosos atos de terrorismo. (...) Vós sois olhos, boca, mãos e coração de Deus neste mundo. (...)

Recordai-vos igualmente das palavras de Jesus: "Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era estrangeiro e acolhestes-me". Levai estas palavras e os gestos convosco, hoje. Que possam servir de encorajamento e de consolação.»

Papa Francisco, 17.9.2016

as três preocupações de Jesus

MUITAS VEZES, OS ESPECIALISTAS E ESTUDIOSOS DOS EVANGELHOS apuram, de tal modo, a análise dos textos, que pode suceder – e sucede, de facto – cumprir-se o que diz o ditado: “a árvore acaba por encobrir a floresta”. Isto é, acontece, frequentemente, que os pormenores e discussões, em torno de um episódio, de uma palavra, da raiz original de um nome, podem atrair a atenção dos comentaristas, a ponto de os centrar e reter nos detalhes, **perdendo a visão do conjunto**. O que nos pode conduzir à seguinte situação: ficarmos a saber quase tudo de quase nada. Com o pormenor, ou os pormenores, perdemos de vista, ou não caímos na conta do fundamental, que é o que o grande relato do Evangelho, no seu conjunto, nos pretende ensinar. Sem esquecermos, nunca, o que, sabiamente, J. Habermas soube formular, no seguimento de Th. Adorno: “o todo não é igual à soma das suas partes”. Vamos, pois, por breves momentos, pensar em algo que faz parte deste “todo”, e que nos é transmitido pelos evangelhos.

Ora, se nos recordarmos e pensarmos no conjunto do que nos é transmitido pelos relatos evangélicos, facilmente cairemos na conta de que, nesses relatos, há **três factos** que se repetem, quase desde o princípio até ao fim, factos esses que nos revelam, sem dúvida, as três preocupações fundamentais vividas e expressas por Jesus. De facto, nos evangelhos fala-se, insistentemente: **1) de curas de doentes; 2) de comida, ou de questões relacionadas com a comida; 3) de relações humanas**, as melhores relações que se podem (e se devem) manter entre os seres humanos. Basta percorrermos os evangelhos, tendo em conta os três princípios que acabam de ser referidos, para tomarmos consciência de que, no conjunto dos relatos evangélicos, há, na verdade, três temas que surgem constantemente. São temas que têm a ver com factos, situações ou ditos de Jesus, relacionados com: **1) a saúde; 2) a alimentação; 3) as relações humanas**.

Naturalmente, todos sabemos que estes três factos se realizaram e ocorreram de modo que neles estão implicados temas de importância fundamental como, por exemplo, a **questão da historicidade dos relatos, ou o seu significado religioso**, como sucede com o tema das curas de doentes: serão relatos de milagres? Tratar-se-á, antes, dum género literário próprio da época? É possível discutir tudo isto, e muitas outras coisas. Mas o que não admite discussão, à partida, é que Jesus exerceu sobre as pessoas mais humildes e desamparadas do seu povo, uma enorme força de atração, pela simples razão dessas pessoas encontrarem, em Jesus, a resposta que buscavam para as suas carências e necessidades mais básicas e prementes.

É evidente que todos nos preocupamos com a saúde. Como nos preocupamos, também, por assegurar o pão de cada dia. E, também, todos manifestamos interesse em que nos estimem, nos respeitem e nos queiram bem. Assim como não suportamos o ódio, o desprezo, o abandono, a solidão e o desamparo. São coisas tão básicas, que

nelas se joga, quer a nossa felicidade, quer a nossa desgraça. E ninguém pode pôr em dúvida que estas três preocupações ocupam a mente e o coração de todos os seres humanos, independentemente da sua cultura, da sua educação, das suas crenças, do seu nível económico, social ou cultural. É, pois, evidente que Jesus cumpriu plenamente. E deu resposta às necessidades fundamentais da nossa humanidade.

Mas esta questão não acaba aqui. Ao falar destas coisas, é fundamental ter bem presente que, se tivermos em conta o modo como os evangelhos apresentam e relatam estas três preocupações de Jesus, fica para nós evidente que, o mais curioso, não é o facto de Jesus se interessar pela saúde, a alimentação e as relações pessoais das pessoas. O que mais impressiona em tudo isto, é o facto de **Jesus antepor a solução destes três problemas, às normas e exigências da religião**. Não se pode considerar, simplesmente, mera coincidência ou casualidade, o facto de Jesus realizar repetidas curas de doentes, precisamente, num dia (o sábado) em que tal era proibido pela religião. Como também não pode ser uma simples coincidência ocasional, o facto de comer quando os outros fiéis religiosos jejuavam, ou de omitir os rituais de lavagem e purificação impostos pelos rabinos, como, igualmente, não pode considerar-se um mero descuido, o facto de se pôr a debulhar espigas de trigo colhidas em dia de sábado. E assim por diante.

Como resumo do que tenho vindo a explicar, podemos, por exemplo, recordar o episódio da cura, na sinagoga, de um homem com uma mão paralisada (Mc 3, 1-6; Mt 12, 9-14; Lc 6, 6-11), precisamente num sábado. Jesus disse ao homem da mão paralisada, que se levantasse e viesse para o meio da sala. E “lançando um olhar irado” sobre os que estavam à espreita para o denunciar (Mc 3, 2), fez-lhes esta pergunta: “O que é permitido fazer ao sábado, o bem ou o mal, salvar uma vida ou perdê-la?” (Mc 3, 4). No fundo, o que Jesus estava a perguntar era o seguinte: “O que é que é permitido pela religião, curar e dar a vida, ou causar dor e tirar a vida?”. Por outras palavras, o que é que está em primeiro lugar: a religião ou a vida? Jesus não duvidou nem um instante: “Olhando-os indignado e magoado com a sua cegueira”, disse ao enfermo: “estende a mão” (Mc 3, 5). E o homem ficou curado. E o relato termina com o fariseus a irem ter com os partidários de Herodes, para verem como poderiam assassinar Jesus. Neste caso, portanto, a consequência da paixão de Jesus pela vida, pela plenitude da vida que faltava a este doente, foi a perda da sua segurança e da sua própria vida. Ou, para ser mais claro ainda, entre a submissão à religião e a defesa da vida, Jesus optou, sem dúvida nenhuma, pela vida, pela plenitude da vida, pela alegria e felicidade que nos proporciona o facto de sabermos que temos a nossa vida bem segura.

E atenção: o que acabo de dizer sobre a saúde e a vida, podia afirmá-lo, igualmente, sobre as **refeições partilhadas com todos e para todos**. O que se torna evidente – para darmos um exemplo – na multiplicação dos pães, nas refeições com pecadores e pessoas de má fama, ou no banquete do Reino, a que não acederam os convidados oficiais, enquanto foi permitida a entrada até ao último dos mendigos e dos vagabundos de estrada. Do mesmo modo há que recordar, aqui, a inconcebível generosidade nas relações humanas que está por trás de todo o sermão da montanha,

e de todos os discursos e parábolas de Jesus, do princípio ao fim da sua pregação. Até terminarmos com o surpreendente discurso do juízo das nações (juízo final) (Mt 25, 31-46), em que já nem sequer são mencionadas a religião, as crenças ou as práticas religiosas de cada um. Só se mantém o que de facto interessa a Jesus, e o que se manterá em vigor no momento definitivo, a saber: como é que cada um de nós se portou em relação aos seus semelhantes, sobretudo em relação aos que mais sofrem na vida. Foi nisto que se concentrou a religião de Jesus.

Que mensagem nos transmitem estas três preocupações fundamentais de Jesus? Parece que, em boa lógica, do que fica dito se podem deduzir as seguintes conclusões:

1. A maior preocupação de Jesus – e, conseqüentemente, aquilo que mais o interessou – não foram realidades do âmbito do “sagrado” (o templo, os rituais, as leis ditadas pelos rabinos...), mas o “**profano**” (a saúde das pessoas, a partilha da comida por todos, melhores relações humanas de todos com todos).

2. Se o que fica dito é correto, então é evidente a conclusão de que **Jesus deslocou o centro da religião**. Esse centro, de acordo com o que nos é dito no Evangelho, não está no templo, nos seus sacerdotes e nas suas cerimónias, mas sim na rua, no trabalho, na casa, no convívio com os outros, na profissão e no lazer, na nossa conduta e no nosso modo de vida. É isto o fundamental na nossa relação com Deus, de acordo com o que Jesus nos deixou como lembrança e memória da sua vida e do seu destino.

3. Na Igreja – devido a um longo processo histórico que não podemos, agora, deslindar nem analisar – cometeu-se o erro de pretender harmonizar e compatibilizar o que Jesus viu como irreconciliável e incompatível, a saber: os rituais sagrados, com a ética que Jesus nos transmitiu. Jesus teve uma vida conflituosa, que terminou numa morte violenta, porque ele caiu na conta de que o obstáculo que o impedia de se colocar ao lado da vida e da felicidade da vida (com todas as suas conseqüências) era, precisamente, a submissão e a observância religiosa das normas, dos rituais e das práticas sagradas que os sacerdotes e os doutores da Lei impunham.

4. Daí a **incoerência com que se vive hoje em dia na Igreja**. Pomos todo o empenho em manter as observâncias do templo, dos sacerdotes e da liturgia, conseguindo, com isso, apenas tranquilizar as nossas consciências, e alimentar a ideia de que somos cristãos plenamente crentes, quando, na realidade, o que temos conseguido, com isso, é destruir a ética que Jesus nos transmitiu com o seu modo de vida e a sua pregação. Deste modo, deparamo-nos, atualmente, com um contraste brutal: cristãos que se confessam crentes praticantes, quando, na verdade, são ladrões e mentirosos, que sabem harmonizar excelentes relações com a Igreja, com as piores relações com os pobres, os doentes, os estrangeiros, e com todos os que não se sujeitam aos seus interesses.

Compreendo que tudo isto é muito duro e difícil de dizer. Mas ainda é mais duro e mais difícil, ter de o sofrer.

JOSÉ MARÍA CASTILLO. Teólogo espanhol.

<http://blogs.periodistadigital.com/teologia-sin-censura.php/2015/04/21/las-tres-preocupaciones-de-jesus>